

GLOBALIZAÇÃO, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, E GERAÇÃO DE EMPREGO

*Valério Vitor Bonelli¹
Noêmia Lazzareschi²*

RESUMO

A globalização da economia adquiriu, nas últimas décadas, dimensões cada vez mais complexas dentre as quais: o crescimento do comércio mundial cada vez mais se concentrou nos bens de maior valor agregado e conteúdo tecnológico nos diversos segmentos da produção mundial, produzidos por corporações transnacionais, dividindo o sistema produtivo por todo o planeta; o comércio e os investimentos privados adquiriram maior peso na economia dos países; surgiram novas formas de produção associadas à rápida incorporação dos avanços científicos ao processo laboral, contribuindo fortemente para a mudança significativa no mundo do trabalho e na geração de empregos, com acelerado aumento da produtividade graças a um sistema de informação em redes. O movimento pelo desenvolvimento sustentável, fator importante nas duas últimas décadas, vem se destacando como um dos movimentos sociais mais importantes deste início de século. O presente trabalho procura apresentar as migrações dos postos de trabalho no mundo contemporâneo, ocasionadas pelo fenômeno da globalização e, ao mesmo tempo, propor alternativas para a geração de empregos com o compartilhamento de tecnologias e o aumento de empregos sustentáveis.

Palavras chave: Desenvolvimento Sustentável, Tecnologia, Geração de Empregos.

ABSTRACT

Economic globalization has acquired in recent decades, increasingly complex dimensions among which: the growth of world trade increasingly focused on goods with higher added value and technological content in various sectors of world production, produced by transnational corporations, dividing the production system across the planet; trade and private investment gained more weight in the economy of the countries; emerged new forms of production associated with rapid incorporation of scientific process to work, contributing greatly to the significant change in the workplace and in generating employment, increasing productivity with accelerated through a system of information networks. The movement for

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela PUC/SP, Mestre em Controladoria e Contabilidade Estratégica, pela UniFecap/Facesp, graduado em ciências Contábeis e Administração de empresas, com Pós-graduação em Finanças. Professor Universitário de graduação na PUC/SP, e pós-graduação em nível de especialização na FECAP.

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Mestre em Ciências Sociais do Trabalho pelo Institut Supérieur du Travail da Université Catholique de Louvain (Bélgica); Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP); Professora do departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

sustainable development, an important factor in the last two decades, stands out as one of the most important social movements of this century. This paper seeks to present migration of jobs in the modern world, caused by globalization and at the same time, proposes alternatives to employment generation by sharing technologies and increase sustainable jobs

Keywords: Sustainable Development, Technology, Job Generation.

1. Introdução

Apesar de ser muito debatido existe pouco consenso sobre o fenômeno da globalização atualmente, com uma tendência de se explicar globalização apenas sobre o enfoque econômico, porém, estudos recentes consideram a globalização um fenômeno multidimensional e multidisciplinar, resultado do imbricamento de variáveis políticas, econômicas, sociais e culturais.

Assim como existem inúmeras variáveis causadoras do processo de globalização, os efeitos deste processo também não estão claros, o que justifica o interesse dos estudos.

Organizacionais por esta temática, havendo, então, várias explicações sobre os seus efeitos.

Alguns autores consideram que seus efeitos são positivos e, de certa maneira, permitem a inclusão social, outros os consideram negativos e excludentes, ou seja, contribuem para a ampliação das diferenças entre ricos e pobres.

São incontáveis as iniciativas voluntárias relacionadas com o desenvolvimento sustentável, subscritas por empresas de setores específicos como bancos, seguradoras, hotéis, indústrias químicas, onde há a participação dos grupos empresariais mais importantes desses setores.

Aliadas ao discurso da sustentabilidade e a globalização da economia, essas organizações são conduzidas por métodos gerenciais mais eficientes e adotam estratégias globais de internacionalização que envolve decisões sobre a posição da empresa face às novas oportunidades de negócios, estilo operacional, marketing e logística sofisticada, ênfase à pesquisa, desenvolvimento de novos produtos, modernização do sistema de informação e comunicação.

Outra questão reside na formação dos blocos regionais, tendência que, sem dúvida, teve origem na pressão exercida pela globalização. Ainda que muitos afirmem o contrário, os países aderem aos blocos regionais na busca de fortalecimento diante de um mercado internacional cada vez mais competitivo. Os governos e os organismos internacionais precisam estar atentos para que as formações regionais não terminem por enfraquecer o sistema multilateral de comércio.

A globalização atualmente vem ocasionando, ainda intervenção dos governos nas economias dos países, como consequência tanto do acelerado processo de inovação tecnológica e dinamismo das ações das empresas transnacionais, como pelo movimento de maior fluidez de bens, serviços e capitais entre elas. Outra situação, como consequência, é a mudança no fluxo e geração de empregos em todo o planeta.

Os efeitos apareceram: a modernização da estrutura produtiva exige qualificação, impedindo a geração de empregos em quantidade suficiente. O fato teve mais impacto nos países mais pobres, onde a mão-de-obra é mais desqualificada. Paralelamente, o Estado sofre uma grande reforma para desempenhar seu novo papel, e com isso surgindo no país uma situação de desemprego estrutural, motivo maior das acirradas críticas de vários autores ao processo global.

O presente trabalho procura expressar as observações que fizemos no que diz respeito ao mundo do trabalho, e às suas migrações no que diz respeito aos postos de trabalho no mundo contemporâneo, ocasionadas pelo fenômeno da globalização, provocados pela desestruturação dos mercados de trabalho devido internacionalização e da terceirização do processo produtivo e questionando a possibilidade de alternativas e aumento de postos de trabalho com o compartilhamento de tecnologias e a geração de empregos sustentáveis, e os objetivos são evidenciar que a questão sustentável poderá ser um grande desafio para a economia, principalmente como geradora de empregos.

2. Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Social

O conceito de desenvolvimento sustentável surgiu a partir dos estudos da Organização das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas, no início da década de 1970, como uma resposta à preocupação da humanidade, diante da crise ambiental e social que se

abateu sobre o mundo desde a segunda metade do século passado. Começou a se tornar popular a partir da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro em 1992, e significa atender às necessidades de desenvolvimento da geração atual sem comprometer o direito das futuras gerações atenderem às suas próprias necessidades. Nessa definição, estão embutidos dois conceitos que BONELLI (2002:20) afirma serem complementares. O primeiro é o conceito das necessidades, que podem variar de sociedade para sociedade, mas que devem ser satisfeitas para assegurar as condições de vida a todos, indistintamente. O segundo conceito é o de limitações, que reconhece a necessidade da tecnologia desenvolver soluções que conservem os recursos disponíveis, permitindo renova-los, pois, fatalmente, serão necessários às futuras gerações.

A responsabilidade social, como é chamada com frequência, implica um sentido de obrigação para com a sociedade. Assumem diversas formas, entre as quais se incluem proteção ambiental, projetos filantrópicos e educacionais, relacionamento com a comunidade, equidade nas oportunidades de emprego, serviços sociais em geral, de conformidade como interesse público. MARTINS, 1999 apud BONELLI (2002) assim expressa: “Essa responsabilidade social das corporações, que excede a produção de bens e serviços, tem-se intensificado nas últimas décadas, notadamente a partir dos anos 60, em resposta às mudanças ocorridas nos valores de nossa sociedade. Mudanças essas que incluem a responsabilidade de ajudar a sociedade a resolver alguns de seus problemas sociais, muitos dos quais as próprias organizações ajudaram a criar”.

A justificativa que orienta a responsabilidade social por parte das organizações fundamenta-se na liberdade que é concedida pela sociedade para que esta organização exista considerando a existência de um contrato social legitimando esta existência. O pagamento dessa liberdade é o retorno da função social da empresa na sociedade.

3. A mudança da estrutura ocupacional no período pós-industrial

A transformação do processo de produção nas sociedades industrializadas, nas três últimas décadas do século que passou, permitiu o desenvolvimento científico e tecnológico permitindo segundo LAZZARESCHI (2009:40), o avanço da internacionalização da

economia de mercado, provocando profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais de dimensões grandes dimensões, tendo início, então, o processo de reestruturação produtiva que aumenta a produtividade do trabalho, barateia mercadorias aumentando a oferta de novos produtos, acirrando a competição internacional, porém em contrapartida, estabelece ou aprofunda a desigualdade entre regiões, países e continentes, decorrentes da desigualdade na obtenção do conhecimento científico e tecnológico.

A reestruturação produtiva resulta da introdução de novas tecnologias, principalmente informacional, em conjunto com novas técnicas gerenciais do processo de trabalho, tais como toyotismo, *just in time*, *kanban*, expressando assim numa redução crescente na oferta de empregos, com o desaparecimento de muitas ocupações e o surgimento de outras para as quais se exigem novas competências profissionais.

No processo de transição histórica da economia capitalista, a ocorrência sistêmica mais direta é transformação da estrutura ocupacional das categorias profissionais e do emprego. As teorias do pós-industrialismo e informacionismo, segundo, CASTELLS (1999:266) utilizam como maior prova empírica da mudança do curso histórico o aparecimento de uma nova estrutura social caracterizada pela mudança de produtos para serviços, pelo surgimento de profissões especializadas, pelo fim do emprego rural e industrial e pelo crescente conteúdo de informação no trabalho das economias mais avançadas.

Acompanhando o raciocínio, CASTELLS (1999:267), evidencia a combinação de três afirmações e previsões que devem ser diferenciadas analiticamente na teoria clássica do pós-industrialismo:

- 1 - A fonte de produtividade e crescimento reside na geração de conhecimentos, estendidos a todas as esferas da atividade econômica mediante o processamento da informação;
- 2 - A atividade econômica mudaria de produção de bens para prestação de serviços. O fim do emprego rural seria seguido pelo declínio irreversível do emprego industrial em benefício do emprego no setor de serviços que, em última análise, constituiria a maioria esmagadora das ofertas de emprego.

Quanto mais avançada a economia, mais seu mercado de trabalho e sua produção seriam concentrados em serviços;

- 3 - A nova economia aumentaria a importância das profissões com grande conteúdo de informação e conhecimentos em suas atividades. As profissões administrativas, especializadas

e técnicas cresceriam mais rápido que qualquer outra e constituiriam o cerne da nova estrutura social.

O segundo critério, da teoria pós-industrialista diz respeito à mudança para as atividades de serviços e ao declínio da atividade industrial, mas obviamente não em termos de produtividade, muito pelo contrário. O que se observa é o fluxo da demanda ocupacional notadamente mão-de-obra direta decaindo, migrando para as atividades de serviços, devido a vários fatores de competitividade, inclusive com alto nível de automação industrial, e sistemas de informação cada vez mais eficazes, afinal de contas, a maior parte da automação refere-se exatamente à integração do processamento da informação no manuseio do produto.

O que se pode resumir sob a ótica de CASTELLS (1999), foi que a evolução do mercado de trabalho durante o chamado período “pós-industrial” (1970-90), mostrou que ao mesmo tempo, um padrão geral de deslocamento do emprego industrial e dois caminhos diferentes em relação à atividade industrial: o primeiro diz respeito a uma rápida diminuição do emprego na indústria aliada a uma grande expansão do emprego em serviços relacionados à produção (em percentual), e em serviços voltados aos serviços sociais (em volume), destacamos nestes dois casos os movimentos sustentáveis a que nos referimos no início deste trabalho.

O segundo caminho diz respeito mais diretamente aos serviços industriais relacionados à produção, nesse caso além dos serviços de armazenamento, transporte e distribuição dos produtos, destacamos atividades de serviços voltadas à Prevenção e Proteção ao meio ambiente: Como exemplo, a logística reversa, transporte e tratamento de resíduos industriais, nestes casos exigindo inclusive na maioria dos processos exigindo qualificação de mão-de-obra, seguindo também a reciclagem e reaproveitamento de materiais, entre outros serviços de característica ambiental.

4. Trabalho globalizado e economia verde

O fenômeno observado conjuntamente na globalização produtiva tem repercutido intensamente como já abordado no mundo do trabalho, verificando-se uma mudança qualitativa no perfil da classe operária, em função de emergência dos novos ramos industriais com a necessidade de trabalhadores com alto grau de polivalência e conhecimento. COSTA

(2008:131), afirma que a mudança do perfil da classe operária terá realmente repercussões profundas no interior das plantas fabris, tratando-se de uma nova classe com iniciativa nos laboratórios ou no chão da fábrica realizando um trabalho mais criativo, mesmo dentro da alienação global do sistema.

Por outro lado, para a indústria, adotar uma postura sustentável e que se faça adequar cada vez mais às exigências do "mercado verde" se tornou um dos principais pontos passivos do setor empresarial. Pois possuir uma boa gestão sustentável já é um fator considerado na competição por maiores fatias de mercado, porém, a crescente demanda por uma economia cada vez mais limpa se volta para a necessidade de mão de obra qualificada e que domine os conceitos e ideais de uma responsabilidade socioambiental.

De acordo com um relatório de pesquisa feita pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), a economia verde deve criar 20 milhões de empregos até 2030. Tal resultado é otimista, precisando cautela no momento de escolher o profissional adequado para as novas atividades que também vão surgir e crescer no mercado.

Segundo O coordenador da área de meio ambiente do Instituto de Educação Tecnológica (Ietec), Luiz Ignácio Fernandez, (Jornal do Comercio, 2012) a atual preocupação com o meio ambiente não se baseia somente no controle da poluição, como ocorria nos anos 90. "As empresas estão criando projetos ambientalmente corretos cada vez mais eficazes e complexos. Por conta disso, é cada vez maior a necessidade de ter profissionais com reais conhecimentos sustentáveis", afirma.

Os impactos causados pela atividade humana se tornaram uma responsabilidade de todos, com isso, acredita que o interesse da população em alterar os rumos do planeta está cada vez maior. A questão ambiental veio para ficar e com a tendência de continuar abrindo ainda mais oportunidades de atuação profissional em diversas áreas.

O Brasil possui atualmente 2,6 milhões de empregos verdes, 6,73% do total de postos de trabalho formais, e a transição para uma economia que leve a menores emissões de gases de efeito estufa pode aumentar a criação desses postos de trabalho, segundo o relatório Empregos Verdes no Brasil: Quantos São, Onde Estão e Como Evoluirá nos Próximos Anos, lançado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A OIT defende que a transição para uma economia ambientalmente sustentável depende, sobretudo, da adoção de novos padrões de consumo e de produção. Em síntese, lista

seis grandes eixos de transformação, levando em conta as particularidades da economia brasileira:

- Maximização da eficiência energética e substituição de combustíveis fósseis por fontes renováveis;
- Valorização, racionalização do uso e preservação dos recursos naturais e dos ativos ambientais;
- Aumento da durabilidade e reparabilidade dos produtos e instrumentos de produção;
- Redução da geração, recuperação e reciclagem de resíduos e materiais de todos os tipos;
- Prevenção e controle de riscos ambientais e da poluição visual, sonora, do ar, da água e do solo;
- Diminuição dos deslocamentos de pessoas e cargas.

A forma de trabalho dos empregos verdes reduz o impacto ambiental das empresas e atividades econômicas a níveis sustentáveis, e o relatório acima citado também se concentra em “empregos verdes” na agricultura, indústria, serviços e administração a que venham ajudar a preservar ou restabelecer a qualidade do ambiente. Além disso, faz um apelo para que sejam adotadas medidas capazes de garantir trabalho decente com o objetivo de reduzir a pobreza ao mesmo tempo em que se protege o meio ambiente.

5. Compartilhando desenvolvimento e tecnologia

Fazendo uma análise da origem da globalização, JONES (2003) considera como marco principal do seu desenvolvimento, a queda do muro de Berlim e a superação do capitalismo sobre o socialismo/comunismo. Para esse autor, a globalização está interligada com o desenvolvimento do capitalismo avançado, originário do pós-fordismo.

O atual cenário internacional demonstra que os países mais ricos, investindo altas cifras em pesquisas e desenvolvimento de materiais, produtos, processos, técnicas, bem como na formação de especialistas, abocanham sempre a maior fatia do bolo. Aos demais na maioria dos casos, resta atuar como fornecedores de bens e serviços secundários.

Se o mundo oscila entre interesses conflitantes como protecionismo e liberalismo,

globalização e regionalização, a prudência recomenda que os países menos afortunados analisem detalhadamente o grau de compromisso adequado aos seus interesses, tanto imediatos quanto futuros, quando das negociações internacionais, especialmente aquelas que objetivem iniciativas regionais de grande monta como a ALCA ou inter-regionais como o Acordo entre MERCOSUL e União Europeia, de forma que possam, ao mesmo tempo, obter os benefícios da economia global e diminuir seus efeitos negativos.

Como estratégia do desenvolvimento econômico para o século XXI, SACHS (2008: p255) diz que poderá ser um século de prosperidade compartilhada, caracterizada por um estreitamento da diferença de renda entre os países ricos e os pobres, não devido a um declínio da renda nas sociedades mais ricas, mas pelo rápido avanço por parte dos pobres. Não significando, porém o fim de um imenso sofrimento da miséria, mas a tendência de um mundo mais seguro e mais democrático, com rendas crescentes servindo de base à estabilidade política com sociedades mais abertas. O compartilhamento de uma economia global em crescimento teria talvez como consequência a diminuição dos conflitos entre as classes e etnias nos grupos de renda e cultura, diminuindo êxodos.

Esta é uma hipótese fundamental de que podemos acreditar que a prosperidade pode ser difundida para todos os cantos do mundo e que se os países ricos são ricos porque adotaram tecnologias avançadas, por exemplo, no campo da geração de energia, medicina, transporte, construção, saneamento, tecnologia de informação e outras. Essas tecnologias avançadas podem ser igualmente adotadas nos países atualmente pobres. Observa Sachs (2008), “que a tecnologia tem a maravilhosa propriedade de ser não competitiva; cada pessoa, empresa, ou país, pode adotá-la sem limitar a capacidade de outros também a adotarem”.

6. Inovação e Sustentabilidade

Organização sustentável é a que simultaneamente procura ser eficiente em termos econômicos, respeitar a capacidade de suporte do meio ambiente e ser instrumento.

De justiça social, promovendo a inclusão social, a proteção às minorias e grupos vulneráveis, o equilíbrio entre os gêneros etc. (BARBIERI, 2007, p. 98-99). Os dois conceitos de organização podem entrar em contradição, pois inovar em bases sistemáticas pode se tornar sinônimo de degradação sistemática do meio ambiente e da vida social.

Para as empresas não basta, apenas inovar constantemente, mas inovar considerando as três dimensões da sustentabilidade, a saber:

- dimensão social – preocupação com os impactos sociais das inovações nas comunidades humanas dentro e fora da organização (desemprego; exclusão social; pobreza; diversidade organizacional etc.);
- dimensão ambiental – preocupação com os impactos ambientais pelo uso de recursos naturais e pelas emissões de poluentes;
- dimensão econômica – preocupação com a eficiência econômica, sem a qual elas não se perpetuariam. Para as empresas essa dimensão significa obtenção de lucro e geração de vantagens competitivas nos mercados onde atuam.

O atendimento a essas dimensões torna o processo de inovação mais sofisticado e exigente, o que requer da organização um maior esforço para atender tecnicamente esse requisito. Isso leva novas perspectivas para a gestão da inovação.

A sustentabilidade do negócio pode ser entendida de modo convencional, isto é, como capacidade de gerar recursos para remunerar os fatores de produção, repor os ativos usados e investir para continuar competindo. Dessa forma, não há nada de novo em relação às inovações, sejam as tecnológicas de produto/serviço e processo, sejam as de gestão e de modelo do negócio. Esse é um entendimento de longa data e decorre da idéia de que uma organização deve ter sua continuidade estendida indefinidamente

7. Considerações finais

A busca de caminhos alternativos para o desenvolvimento, talvez seja o principal objetivo a se buscar. No caso do Brasil, pode se tornar um exemplo de *como* se chegar a um desenvolvimento sustentável, com base em sua exuberante natureza e a sua quantidade de recursos humanos e materiais. No que tange ao desperdício, o maior em nosso país é primário, na extração dos insumos básicos, na produção, no transporte, no armazenamento, na disposição dos resíduos gerados, onde estes desperdícios em países desenvolvidos são severamente evitados. Por outro lado, ainda temos um excesso de mão-de-obra de baixa qualificação para as atividades típicas de uma economia desenvolvida, o que mostra que o

maior desperdício que se pratica aqui é a falta de aproveitamento da mão-de-obra disponível que poderia ser treinada em novas tecnologias.

O casamento dos recursos humanos abundantes com o aproveitamento de desperdícios, inclusive de recursos naturais, pode se tornar um mecanismo de sustentação ecológica e de empregos no Brasil.

A eliminação do desperdício libera recursos para o crescimento econômico, sem exigir mais insumos. Práticas como reciclagem de resíduos, conservação de energia e da água e manutenção do estoque de equipamentos e das infraestruturas, criam empregos financiados pelas economias geradas, campo este que vem sendo explorado e a fim de resultar em oportunidades de emprego.

Utilização de resíduos, reciclagem, aproveitamento de biomassas, construção e conservação da infraestrutura produtiva, proteção às áreas de reserva ambiental, são algumas formas de simultaneamente proteger o meio ambiente e alavancar trabalho. Além disso, atividades como essas contribuem para dotar o sistema produtivo de condições mais eficientes para que as empresas possam obter competitividade em suas áreas de atuação. Esse cuidado com o meio ambiente e com o nível de emprego deve fazer parte da busca de uma competitividade sistêmica dentro de uma abordagem de desenvolvimento sustentável.

Os avanços tecnológicos precisam ser mais significativos nas áreas que envolvem a sustentabilidade e onde esta está ameaçada: alternativas energéticas limpas, onde o Brasil tem grandes vantagens à partida; alternativas de meios de transporte com menos impactos climáticos (veículos elétricos e híbridos); tecnologias de produção visando à redução do consumo de matérias primas; tecnologias da construção visando a redução de consumo energético (chuveiro, ar condicionado, materiais); cultivos consorciados e outros avanços que reduzem a pegada ecológica; biotratamento de esgotos e técnicas de saneamento; tecnologias organizacionais na gestão de redes integradas de transmissão de eletricidade, enfim a lista é extensa, e o leque que se abre com esta economia, poderá se constitui uma das marcas da economia moderna.

O meio ambiente não deve ser um entrave, e sim uma condição de avanço acelerado para o futuro. Fator de redução de desperdícios, de uso mais racional dos recursos, gerador de empregos, vetor de adoção de novas tecnologias e a promoção de articulações e processos

colaborativos entre empresas, o desafio ambiental deve ser visto com um dos principais eixos de transformação da condição social para as próximas décadas.

Talvez a grande batalha e desafio das ciências sociais, seja a busca do equilíbrio desse desenvolvimento e suas dimensões e impactos sobre tudo o mundo do trabalho na manutenção e na geração de empregos.

Referências Bibliográficas:

BARBIERI, J.C., DELAZARO, W. Geração de emprego e preservação do meio ambiente: O grande desafio. *Revista de Administração de Empresas/FGV-SP*, vol. 4 No. 36, São Paulo, Nov/Dez-1994, pag 73-79.

BARBIERI, J. C *Organizações inovadoras sustentáveis: uma reflexão sobre o futuro das organizações*. São Paulo, Atlas, 2007.

BARBIERI, J. C., VASCONCELOS, I.F.G. ANDREASSI, T, VASCONCELOS, F.T. Inovação e Sustentabilidade: Novos modelos e proposições. *Revista de Administração de Empresas/FGV-SP*, vol. 50 No. 2, São Paulo, Abr./Jun-2010, pag 146-154.

BONELLI, V. V. *Contribuição ao estudo da contabilidade ambiental: proposta de um modelo de controle gerencial: dissertação de mestrado apresentada à Fecap/Facesp*, São Paulo, 2002.

BONELLI, V.V., ROBLES JUNIOR, A. *Qualidade, ética e transparência na contabilização dos créditos de carbono*. Trabalho apresentado na 19^a. Convenção dos Contabilistas do Estado de São Paulo, Santos 07 a 09/09/2005.

BURSZTYN, Marcel (org.). *Ciência, ética e sustentabilidade: Desafios ao novo século*. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Edmilson. *A Globalização e o capitalismo contemporâneo* São Paulo: Expressão Popular, 2008.

DOWBOR, L. SACHS, I. , LOPES, C. *Crises e oportunidades em tempos de mudança*. Documento de referência para as atividades do núcleo Crises e Oportunidades no Fórum Social Mundial Temático: Bahia, Janeiro 2010.

FREY, K. A dimensão político-democrática nas teorias de desenvolvimento sustentável e suas implicações para a gestão local. *Revista Ambiente & Sociedade* - Ano IV - Nos 9 - 2o Semestre de 2001.

JONES, Marc T. Globalization and the Organization(s) of Exclusion in Advanced capitalism. In: WESTWOOD, R.; CLEGG, S. (eds.) *Debating organization, point-counterpoint in organization studies*. Oxford, UK: Blackwell Publising, 2003.

JORNAL DIÁRIO DO COMERCIO, *Emprego "verde" registra crescimento no Brasil*. Rio de Janeiro, reportagem local - 11/04/2012.

LAZZARESCHI, N. *Sociologia do Trabalho*. Curitiba: IESD Brasil S/A, 2009.

NALDEIR, S. V. A globalização e o papel das ONG's na sustentação da economia.

Informal. *III Seget – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*

www.aedb.br/seget/artigos06/557_artigo%20analise%20organizacional%20Seget. Acesso

08.08.2012

OIT – Organização Internacional do Trabalho. *Empregos Verdes no Brasil: Quantos são, onde estão e como evoluirão nos próximos anos*. Brasil, OIT, 2009

OIT – Organização Internacional do Trabalho. *Um novo relatório diz que a emergente economia verde poderia criar dezenas de milhões de novos “empregos verdes”*, 2012 <http://www.oit.org.br/> Acesso em 20.08.2012.

RIFKIN, Jeremy. *A Terceira Revolução Industrial: Como o poder lateral está transformando a energia, economia e mundo*. São Paulo: M. Books, 2012.

ROCHA. Jefferson Marçal. *Sustentabilidade em questão: economia, sociedade e meio ambiente*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.